

A DIVERSIDADE CULTURAL NA SOCIEDADE CAPITALISTA

George Pimentel Fernandes¹

Resumo

A cultura é um aspecto marcante para a humanidade. Envolve a etnia, a religiosidade, a origem, a escolaridade, a culinária, a vestimenta, a língua, etc. A humanidade ao longo da sua histórica formação caracteriza-se pela diversidade. O ser humano, um ser formado socialmente, vivencia inúmeras relações que irão constituir a sua personalidade. Para a sociedade capitalista interessa uma formação que permita a manutenção da hodierna situação. O foco deste artigo está em analisar as imposições capitalistas que são coerentes com uma diversidade que aliena e torna as pessoas meras consumistas. A escola é analisada como uma instituição que, contraditoriamente, deveria proporcionar elementos que resultasse na cidadania comprometida com verdadeira justiça social. Aspectos específicos a respeito da etnia são considerados, entretanto, nossa ênfase recai na diversidade cultural que coaduna com o projeto da sociedade capitalista de enfraquecer a luta por uma sociedade justa e igualitária.

Palavras-chave: Diversidade cultural. Capitalismo. Escola. Pluralidade.

THE UNIVERSITY AND THE BUILDING OF THE PEDAGOGICAL KNOWLEDGE:

the docents' practice of the Campus Ministro Reis Velloso

Abstract

Culture is a significant aspect of humanity. It involves ethnicity, religion, origin, education, cuisine, the clothing, language, etc. Humanity along its historical formation is characterized by diversity. The human being, a being made socially, experiences many relationships that will be your personality. It is interesting for the capitalist society a formation that allows the maintenance of today's situation. The focus of this article is to examine the capitalist impositions that are consistent with a diversity that alienates people and make them mere consumerist. The school is seen as an institution that, conversely, should provide elements that result in citizenship pledged for true social justice. Specific issues regarding the ethnicity are considered, however, our emphasis is on cultural diversity that is consistent with the project of capitalist society to weaken the struggle for a just and egalitarian society.

Key words: Cultural diversity. Capitalism. School. Plurality.

Introdução

Um simples olhar despretenso que viaja pelos transeuntes de uma rua, permite a contemplação de uma sociedade marcada pela diversidade de classes e grupos sociais que perfazem um “colorido de tonalidades” distintas constituindo um belo quadro, ímpar da história da humanidade. Presentes nesta hodierna obra-prima estão indivíduos de estatura média, alta, baixa, indivíduos negros, loiros, cegos, surdos, jovens, idosos, etc. Coexistem com esses aspectos físicos características tais como, nacionalidade, naturalidade, a língua, a religião, a história de vida,

¹Professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. E-mail: prof.pimentel@click21.com.br.

Mestre em Educação. Professora da Universidade Federal do Piauí. E-mail: socorro@ufpi.br.

a escolaridade, etc. No quadro final, a somatória das características de uma sociedade retrata as diversas culturas de cada dado grupo social.

A forma como encaramos a sociedade, ou seja, o entendimento a respeito da diversidade cultural pode condizer com a paz, com a igualdade social, com a justiça, todavia, pode estar também fundamentado em um pilar neoliberal, onde o interesse maior é alienar para manter as condições de exploração. Mesmo o discurso daqueles que se dizem contrários às atitudes injustas pode estar permeado de compreensões contraditórias. Neste caso, o discurso pode ter um tom de modernidade, mas na realidade é a tentativa bem sucedida de manutenção de uma prática de cunho ideológico favorável a iludir o “olhar” da classe trabalhadora. O que realmente importa, neste contexto, é entender que a diversidade cultural inclui um componente ideológico e “[...] se for o “olhar cultural” devemos falar em sociedade pós-moderna ou sociedade do conhecimento ou sociedade multicultural ou sei lá mais quantas outras denominações” (DUARTE, 2003, p. 13). Ademais, a forma como analisamos a diversidade cultural pode implicar numa ilusão.

Como podemos constatar muitos artigos ao tratarem de diversidade cultural enfatizam tão somente a questão da etnia, como ocorre no site da UNESCO², que apresenta algumas ações contrárias ao tráfico de seres humanos, ao racismo e a xenofobia, ao mesmo tempo em que se posiciona favorável ao diálogo intercultural e aos povos indígenas. Embora pontuemos alguns aspectos referentes ao citado tema para a retratação da diversidade cultural te, neste trabalho, destacamos a luta permanente daqueles que se aproveitam da injustiça social para manter a exploração humana. No primeiro item deste artigo, apresentamos alguns aspectos inerentes à diversidade considerando a nítida intenção daqueles que mantêm o poder econômico de aceitar ou promover uma diversidade que seja condizente com a manutenção do lucro, da alienação e da exploração humana. Claro que, nesta perspectiva, incluímos questões históricas como, a desigualdade social que envolve os negros, os índios, as mulheres, etc. Todavia, destacamos que o discurso da diversidade cultural na sociedade capitalista pode ser mais um engodo para mascarar a exploração.

Ao definir como problemática a análise da diversidade cultural na sociedade capitalista não intencionamos desprezar as lutas históricas em defesa dos negros, das mulheres, dos indígenas, dos homossexuais ou mesmo dos sem-terras. Ao contrário disto, apresentamos aqui, alguns elementos que questionam as imposições globalizadas que de certa forma acatam o discurso da diversidade tornando-o um objeto de consumo. Desta forma intencionamos expor que o processo da alienação pode assimilar uma ‘diversidade caricata’ onde a garantia dos direitos resume-se ao acesso aos bens de consumo. E desviar a atenção daquilo que é o foco da dominação político-econômica, a obtenção do lucro.

Outro aspecto da sociedade capitalista é a adequação das instituições no sentido de atender uma demanda onde “[...] o desenvolvimento das forças produtivas sob o capital significa a intensificação da capacidade de os homens produzirem, também, desumanidades em escala ampliada” (LESSA; TONET, 2008, p. 67-68). A situação do negro e do índio em nosso país exemplifica como esta sociedade não mede esforços para atender seus objetivos. Genocídios, etnocentrismo e escravização são agora palavras conhecidas e vivenciadas por milhares de pessoas. Neste caso, até mesmo a ‘força’ de um grupo religioso hegemônico na América Latina foi determinante na desumanização da sociedade. Isto mostra como as instituições estão a serviço do poder e adaptam-se para manter o status.

2 <http://www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural>

A escola – instituição que refletimos no segundo item – deve ser o espaço social que promove a formação humana entrando em contradição com a própria sociedade a medida que proporciona a reflexão sobre a intensificação da capacidade dos homens produzirem desumanidades. No entanto, devido à sua finalidade, a escola é uma instituição para onde convergem crianças, jovens, adultos e idosos de uma diversidade de religião, interesses, classes sociais, etc. Desse modo, podemos falar em diversidade cultural escolar pelo fato dessa instituição congregar as diferentes peculiaridades da própria humanidade, acrescentadas de outras características que intercedem diretamente no cumprimento de sua função. Em termos específicos, a diversidade cultural escolar manifesta-se na heterogeneidade de uma turma da sala de aula que constitui o lócus para a socialização das ferramentas que proporcionarão a humanização dos indivíduos.

2 Refletindo a diversidade cultural na sociedade capitalista

Certamente ninguém que vivencia uma democracia admite a possibilidade de viver em condição de total desrespeito a individualidade, ou de qualquer condição inibitória da liberdade de escolha. Predomina no ser humano o forte desejo da liberdade de escolha e, conseqüentemente, do acesso aos bens de consumo (FERNANDES; GOMES, 2008). Ou ainda, como afirmam Sérgio Lessa e Ivo Tonet:

Criam-se carências artificiais de vários modos, ou diminuindo a vida útil dos produtos, de tal modo a nos forçar a consumir mais (pense nos eletrodomésticos, por exemplo); ou estimulando a aquisição de bens e produtos de que não necessitamos, muitas vezes nocivos à saúde, como é o caso dos cigarros, bebidas e drogas; ou fazendo o Estado comprar parte da produção para simplesmente jogá-la fora. (2008, p. 109).

A crescente produção do descartável que não se limita aos bens de consumos, gradativamente passa a ser personificado na moderna sociedade que não dispõe de tempo para maiores análises das situações implicadas que sobrepujam qualquer princípio ou aspecto ético. Afinal, “tempo é dinheiro”.

Uma peculiaridade da vida em sociedade é a pluralidade, que nos tempos hodiernos, implica em diversidade eclética. Neste sentido, muitos defendem o direito às múltiplas opções associadas ao direito de se deslocar a qualquer hora para qualquer lugar e de qualquer jeito. Para muitos, o simples fato de imaginar um Estado que determina o tipo de roupa que se deve usar, como acontece com a burca, por exemplo, não só é um absurdo como aponta para o abuso de poder. Neste caso, a história de vida do mundo ocidental pode conceber tal situação como inibidora da liberdade de pensamento e, conseqüentemente, de expressão. Obviamente que o mesmo conceito não é aceito pela sociedade que faz uso da burca. O fato é que as pessoas reivindicam constantemente o direito de expressão. Muitos associam o direito de liberdade ao direito de falar, não se importando em como e quando falam. Outros associam a liberdade com o direito de consumir aquilo que é conveniente. Enfim, muitos concordam que o importante é que cada um possa escolher seu melhor caminho. Que todos possam ter a liberdade de escolher e, obviamente, que existam opções e condições de consumo. Infelizmente, nesta mesma perspectiva, crescem os índices de violência nas vias públicas, na família, na escola, etc. que não raro estão vinculados a esta falta de liberdade.

A mera idéia de uma vida onde todos seguem uma única orientação é contrária à propagada idéia de liberdade, em que ‘gregos e troianos’ coexistem no mesmo clima. Já a pluralidade é por sua natureza extremamente abrangente e admite as mais diversas posições o que caracteriza o ecletismo. Admite-se, por exemplo, a convivência entre negros, brancos e indígenas, homossexuais e heterossexuais. As diferenças entre os diversos segmentos da sociedade que desfrutam de uma convivência saudável é o que caracteriza a diversidade cultural.

Diversidade cultural engloba as diferenças culturais que existem entre as pessoas, como a linguagem, vestimenta e, bem como a forma como as sociedades organizam-se conforme a sua concepção de moral e de religião, a forma como eles interagem com o ambiente etc. O termo diversidade diz respeito à variedade e convivência de idéias, características ou elementos diferentes entre si, em determinado assunto, situação ou ambiente. (DIVERSIDADE CULTURAL, 2009).

Trata-se de uma oportunidade de aceitar o outro, reconhecendo as disparidades de opinião e de escolha do outro de forma a não denegrir ou depreciar aquilo que é crucial para uns e irrelevante para outros. É evidente que na hodierna sociedade a convivência pode ser permeada por ações preconceituosas de modo que, a diversidade cultural pode ser entendida como uma convivência imposta por grupos hegemônicos, resultando assim, na negação de outros.

A negação do outro é uma espécie de constante nos processos de contatos culturais. Essa realidade radicada, que quase nada apresenta de semelhante a minha realidade radical, apresenta-se como um obstáculo ou, mais do que isso, como uma ameaça. Todavia, quando o prosseguimento dos contatos culturais os vai evidenciando como significativos, há a plena possibilidade de superação da negação do outro no sentido das assimilações aculturativas, bastando para tanto que os inevitáveis etnocentrismos não sejam transformados, por uma racionalização desvirtuada, em amordaçamento da cultura alheia, por direta repressão ou por postura de desdém. (MORAIS, 1989, p. 28).

Refletir a diversidade cultural na sociedade capitalista pode implicar no reconhecimento de que um dado posicionamento de um “grupo cultural”³ é excludente. Mas, por outro lado, a mera possibilidade de convivência entre culturas distintas nem sempre é tão pacífica. “A cultura que se considera superior pretende impor suas próprias instituições e seus próprios valores com o uso de força” (MORAIS, 1989, p. 29). E não raro os integrantes desta perspectiva são caracterizados pelo pragmatismo “[...] da assim chamada sociedade do conhecimento, educado pelo lema aprender a aprender, treinado para ter as competências necessárias à resolução eficaz dos problemas surgidos no processo de produção de mercadorias!” (DUARTE, 2004, p. 239). Que no capitalismo implica na intervenção através das instituições escolares existentes e tantas outras que são criadas como os ‘centros de treinamentos’ que promovem os cursos técnicos de curta duração. Mas, se a reflexão extrapolar as dimensões territoriais notaremos que os interesses capitalistas não se limita ao espaço territorial de um único país e chegar a situações bem absurdas.

Um fato histórico ocorrido no país de menor IDH (índice de Desenvolvimento Humano), Ruanda, exemplifica os extremos em que uma população pode chegar. E, mais, aponta para a relação de poder entre os grupos sociais distintos. A Ruanda apresenta basicamente dois grupos populacionais: os Hutus que representam 85% da população e caracterizam-se por serem de estatura baixa, já os Tutsis, apresenta a pele mais clara, são mais altos e representam 14% da população do País. Ruanda é um dos menores países da África e um dos mais povoados. A população sobrevive em péssimas condições sócio-econômicas, todavia, na contramão daquilo que seria um caminho para buscar soluções, a desunião chegou ao extremo de um indivíduo Hutus odiar um Tutsis e vice-versa.

A dificuldade de relacionamento entre os dois grupos étnicos de Ruanda não é única na face da Terra, mas apresenta-se como uma oportunidade de refletir sobre os extremos em que

³Neste contexto a expressão utilizada – grupo cultural – extrapola a idéia de um grupo de pessoas que se reúnem para refletir as suas ações. Em outro momento deste artigo admitimos esta compreensão, todavia, aqui, usamos para designar um grupo que seguem diretrizes previamente definidas apenas por alguns e tantos outros que nem precisam se conhecer e residir na mesma cidade tem o papel de executor.

pode chegar a intolerância humana que faz alguém tirar a vida do outro por este ser diferente. Embora existam vários exemplos históricos, limitar-se a dizer que as dificuldades de relacionamento são decorrentes de uma simples percepção distinta da situação, não assegura a diminuição dos índices de violência urbana decorrente da intolerância humana.

A supervalorização de um dado grupo étnico tem sido só um dos motivos de ações 'humanamente irracionais'. A impossibilidade de convivência com o outro que não integra um grupo 'relativamente homogêneo' no tocante à lingüística, história, origem e religião denota a total e completa incapacidade de convivência social de alguns, que aos poucos tem se tornado em muitos. É digno de nota que, concomitante com isso, surge a tentativa de resgate da 'raça pura' fundamentada na xenofobia.

Nas últimas décadas, diferentes instituições têm propagado a necessidade de convivência com os mais distintos grupos sociais, ou seja, difunde-se a idéia de pluralidade. Na perspectiva da diversidade cultural, geralmente as atitudes das pessoas emergem do direito de manifestar-se da forma como consideram mais convenientes. Claro que aqui podem surgir justificativas pertinentes como, por exemplo, as 'peculiaridades inatistas', como a etnia, o sexo e o tipo e cor do cabelo. Outras características são decorrentes da convivência familiar, escolar, do trabalho, do grupo religioso, da torcida organizada, etc. Estas são características que podem ser socialmente modificadas. A formação da personalidade é decorrente do processo de construção da história de cada um, o que certamente pode incluir atitudes preconceituosas, arrogantes, egocêntricas, etc.

A formação do ser humano ocorre no mundo do trabalho que na sociedade capitalista resulta numa diferenciação decorrente da valorização injusta deste trabalho. Neste caso, a manifestação da valorização do trabalho relaciona-se diretamente com a aquisição desigual de bens materiais, resultando nas conhecidas diferenças que dificulta o relacionamento entre as pessoas. Trata-se da 'diferenciação' que facilmente é incorporada por aqueles que usufruem do sistema no topo da pirâmide. Aqui, podemos dizer que as diferenças tornam-se culturais, visto que, repercute diretamente no consumo de bens como, vestimenta, na escolha do bairro onde reside, no meio de transporte que utiliza, no tipo de alimento e no local que fará a refeição, no tipo de entretenimento, enfim, repercute em tudo aquilo que abrange o termo cultura, que evoca vários sentidos. Admitindo-se ou não, estas diversidades segregam as pessoas e condiz com os objetivos da sociedade capitalista.

Certamente que não é na perspectiva de acentuar a segregação que os mais diversos grupos sociais manifestam seus ideais. Todos os grupos que dizem ter um compromisso com a convivência harmoniosa, de uma forma ou de outra, intencionam uma sociedade justa onde a manifestação da diferença constitua não apenas um direito legal, mas acima de tudo que inexista a supremacia de um dado grupo. Mas, individualmente, temos que admitir que uma imagem, palavra ou mesmo o silêncio que induziu uma aproximação a ponto da pessoa fazer determinada escolha, mudando parcialmente ou plenamente, incide na forma de pensar, vestir, agir, etc. o que certamente pode alterar os objetivos do grupo.

Assim, pois, os indivíduos, graças a determinadas particularidades de seu caráter, podem influir nos destinos da sociedade. Por vezes, a sua influência pode ser considerável, mas, tanto a própria possibilidade dessa influência quanto suas proporções, são determinadas pela organização da sociedade, pela correlação das forças que nela atuam. O caráter do indivíduo constitui "fator" do desenvolvimento social somente onde, exclusivamente na época, e unicamente no grau em que o permitem as relações sociais. (PLEKHANOV, 2006, p. 138).

Refletir a diversidade cultural na sociedade capitalista implica em compreender a formação humana. Neste caso é oportuno destacar que:

A formação do indivíduo realiza-se enquanto relação entre os processos de apropriação das “forças essenciais” humanas, objetivadas social e historicamente, e de objetivação do indivíduo através dessas forças essenciais. Mas essa formação, na medida em que, até este momento da história humana, tem se realizado sob as relações sociais de dominação, não pode ser consideradas exclusivamente como humanizadora. A formação do indivíduo é também a reprodução da alienação. (DUARTE, 1993, p. 96-97).

A análise da diversidade cultural que inclua a formação humana pressupõe um estudo das ações que os diversos grupos (raciais, gêneros, etc.) realizam, considerando o princípio da totalidade que contrapõe com a visão imediatista e excludente. Somente assim é possível analisar o “caráter do indivíduo” que é “determinado pela organização da sociedade, pela correlação das forças que nela atuam”. E conseqüentemente, fazer uma análise imparcial, mesma que isto implique em um redimensionamento daquilo que o grupo desenvolvia.

Refletir a diversidade cultural implica na possibilidade de retirar o “manto da santidade” que luta contra o preconceito – outra peculiaridade da hodierna sociedade – e cai em contradição por utilizar das mesmas “armas” que as “forças hegemônicas” utilizam, refletindo um processo de formação que “se realiza sob as relações sociais de dominação”. Somente desta forma é possível entender que nem toda ação imbuída de boas intenções é humanizadora. “A formação do indivíduo é também a reprodução da alienação (DUARTE, 1993, p. 97). Conseqüentemente, precisamos avançar na própria compreensão das “diferenças culturais que existem entre as pessoas como a linguagem, vestimenta, concepção de moral e de religião” por abandonar os “[...] objetivos limitados e unilaterais que, em vez de produzir o desenvolvimento livre e universal dos indivíduos, produz a desumanização do indivíduo, pois os laços que antes o prendiam a um contexto sociocultural limitado e restrito são substituídos pelos laços entre os indivíduos e o mundo das mercadorias e do capital” (DUARTE, 2004, p. 239).

2 A diversidade cultural na escola

A escola é inegavelmente um espaço da diversidade, porém, não significa que seja uma instituição perdida no tempo e no espaço, onde se deva difundir toda e qualquer informação. Ao contrário dos pós-modernistas que imaginam que se trata de um espaço onde tudo pode ser ensinado, esta instituição tem uma função previamente definida, considerando a sua própria origem, trata-se de um espaço onde ocorre a “apropriação do saber e de sua conseqüentemente reelaboração e criação, contribui para a formação do adulto crítico, criativo, interativo e comprometido com as lutas de seu tempo” (SCALCON, 2002, p. 119). Como a escola pode contribuir para a formação do adulto crítico, criativo e comprometido com as causas que afligem o grande público, considerando, a difundida idéia de que a escola é responsável pela difusão de qualquer conhecimento? Obviamente que, não é uma questão tão simples de ser respondida, visto que os interesses que norteiam a sociedade capitalista atingem diretamente a instituição escolar. Assim, para muitos ainda prevalece a idéia de que a escola é responsável pela formação religiosa, pela educação tributária, pela compensação alimentar, odontológica e médica.

Fundamentalmente, através da socialização do conhecimento historicamente produzido pela humanidade é possível que as novas gerações apreendam aquilo que representa um produto da ação humana em determinadas condições. Desta forma, “[...] ao desencadear processos caracterizados pelo desenvolvimento de modalidades de pensamento conceitualmente definidas e mais sofisticadas, possibilita a apreensão das bases dos sistemas de concepções científicas”

(SCALCON, 2002, p. 131-132). Estas bases, por sua vez, contribuirão para a formação do ser humano que extrapole o imediatismo, ou seja, a “[...] superação da heterogeneidade da vida cotidiana” (DUARTE, 1996, p. 61). Assim entendemos como um absurdo a compreensão de diversidade cultural na escola como aquela em que tudo é admissível na escola, ou ainda, que segue o caminho delineado pelas grandes redes de televisão que influenciam, por exemplo, na musicalidade.

Ao passo que a escola contribui para o “desenvolvimento de modalidades de pensamento conceitualmente definidas e mais sofisticadas”, gera um redimensionamento nas relações que o ser humano estabelece. “A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado, bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem organizar-se a partir dessa questão” (SAVIANI, 2003, p. 15). Conseqüentemente, é oportuno destacar que a escola trabalha com um saber que difere substancialmente do saber cotidiano. Na contramão desta compreensão existem aqueles que se fundamentam nos ideários pedagógicos contemporâneos. Para estes, “os conhecimentos tem todos os mesmo valor, não havendo entre eles hierarquia quanto à sua qualidade ou quanto ao seu poder explicativo da realidade natural e social” (DUARTE, 2003, p. 15). O que certamente contraria a própria finalidade da escola.

É possível que muitos discursos e propostas para a escola envolvam a defesa da diversidade cultural na escola. No item anterior, fizemos uma sutil reflexão dos interesses capitalistas que são mascarados pelas falácias que, na realidade, induzem ao consumismo exacerbado, como por exemplo, a ‘inocente’ brincadeira com a boneca mais famosa do mundo, a Barbie (FERNANDES; GOMES, 2008). Também intencionamos refletir a ação de grupos sociais que defendem determinados segmentos da sociedade que são historicamente desprezados, como os negros e indígenas.

Ao pensar na diversidade cultural na escola não podemos esquecer que a formação humana, no capitalismo, implica em uma permanente luta pela sobrevivência que, não raro, conduz a alienação. O grande desafio concentra-se fundamentalmente em pensar em outra sociedade onde a luta pela sobrevivência seja o fator definidor de cada vida.

Não estando mais suas vidas limitadas à luta pela sobrevivência, poderiam então os indivíduos dedicarem a maior parte de suas energias físicas e mentais a atividades plenas de sentido e conteúdo humanos, atividades nas quais a personalidade se objetivaria para contribuir significativamente para o enriquecimento do gênero humano. (DUARTE, 2004, p. 234).

Ao refletir que as ações humanas podem ser humanizadoras ou alienante, concebemos a escola como uma instituição que assume um relevante papel social na formação humana. Desta feita, julgamos conveniente, retomar, sob a temática da diversidade cultural, a crítica dos pós-modernistas a respeito da diferenciação entre o senso comum e a ciência, onde “é comum condenar como autoritária, etnocêntrica, falocêntrica e racista a defesa de que existam saberes mais desenvolvidos, que passaram a ter validade universal para o gênero humano e que devam ser transmitidos pela escola” (DUARTE, 2003, p. 78). Nota-se assim, que na visão dos pós-modernistas não existe diferença entre o saberes.

É interessante observar que a visão pós-modernista intenciona criticar a escola tradicional chegando a propor uma escola multicolorida e multifuncional onde o lema é ‘aprender a aprender’. Nesta escola tudo é aceito e tudo é permitido! Nela o professor não precisa mais se dedicar para absorver ‘o saber elaborado (ciência), os conhecimentos têm o mesmo valor’. Neste caso, entendemos que se trata da **pluralidade pedagógica** que é norteadada pelo atendimento daquilo que contempla a necessidade imediata do educando, perpassando a idéia de que o “**índi-**

víduo centre-se cada vez mais em um dos pólos da individualidade, o pólo da particularidade, em detrimento da constituição de uma relação consciente com o outro pólo da individualidade, que é o pólo da genericidade, do pertencimento ao gênero humano” (ARCE, 2004, p. 164).

A pluralidade fundamenta-se na máxima pedagógica através da ação calcada na **realidade do aluno**. Considerando que, boa parte das crianças que tem acesso à escola pública é oriunda da classe trabalhadora e que as mesmas carecem de agências que promovam a cultura escrita e o entretenimento humanizador, é fácil deduzir, conforme alguns advogam, que esta clientela necessita de uma escola que seja condizente com as precariedades materiais vivenciadas pelas famílias das crianças. Assim, nada mais ‘justo’ do que diluir a função da escola na **pedagogia da compensação**, secundarizando a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência). No entanto, “esse discurso antiescolar não interessa à classe dominada, não contribui para a superação da sociedade capitalista. O discurso antiescolar interessa à classe dominante e está afinado, mesmo que não tenha essa intenção, com os processos de privatização do saber” (ARCE, 2004, p. 166).

Há de se destacar que a citada pluralidade pedagógica é uma conseqüência da apreensão conceitual fragmentada que não permite uma sólida definição teórica, deixando assim, o profissional da educação a uma constante superficialidade. Fazendo uma relação direta com a leitura de Regis Morais, podemos refletir que a “instabilidade cultural” resulta numa apropriação daquilo que está sendo difundido pelas secretarias de educação e/ou meios de comunicação.

Olhamos ao nosso redor e, de fato, constatamos traços profundos de instabilidade cultural, ainda que outros traços não tão acentuados nos mostrem peculiaridades de desenvolvimento próprias de um povo que, embora historicamente novo, em diversos aspectos se vai insinuando no panorama das culturas contemporâneas com energia e direcionamento muitas vezes singulares, mas entre nós a instabilidade cultural chama mais atenção. (MORAIS, 1989, p. 35).

A diversidade cultural escolar inclui também o ecletismo teórico-metodológico resultado da ‘instabilidade cultural’, que resulta na “Babel metodológica” (MORAIS, 1989, p. 35). Tudo que fala de criança, por exemplo, é tratado da mesma forma. Uma diversidade de idéias onde o professor não consegue identificar diferenças fundamentais simplesmente por que acesso permitido foi extremamente restrito.

Conseqüentemente, o propagado discurso de que a escola é para todos, resultou numa diversificação do processo de formação escolar que coaduna com a já citada expressão **realidade do aluno**, marcada pela superficialidade naquilo que é básico no trabalho educativo, a fundamentação teórica que valoriza a “transmissão do conhecimento pela educação escolar” (DUARTE, 2005, p. 215). “A escola para todos” de imediato significa uma escola que admite todos os tipos de indivíduos: mulher, homem, homossexual, negro, indígena, cego, cadeirante, surdo, etc. Quem não defende uma escola onde todos têm acesso?

O grande problema concentra-se no tipo escolar destinada aos alunos da periferia e da zona rural. A proposta pedagógica deste tipo de escola admite um nível de apreensão conceitual no seu currículo, distinto daquela escola destinada à burguesia. Conseqüentemente, concretiza-se a diferença de nível de escolaridade que certamente atinge um número bem maior de negros e pardos quando comparado com os brancos (GOMES, 2004, p. 13).

Evidentemente, a exclusão é inadmissível para os indivíduos que vivenciam a primeira década do século XXI. Porém, não podemos negar que, ao longo da história da escola e da ciência, o ser humano, masculino, católico e influenciado pela Europa e EUA, exerceu, por sua vez,

muita influência sobre outros contrariando a própria diversidade. Diante de tal perspectiva, a escola enquanto formadora humana é celeiro da contradição, marcada pela diversidade de indivíduos. Negros e indígenas, por exemplo, historicamente foram tratados como seres que precisavam passar pelo processo de culturação branca e durante muito tempo não tiveram acesso à escola. Entretanto, a ampliação do número de vagas, bem como, os programas que proporcionaram o deslocamento de crianças à escola resultou no início do acesso de negros e indígenas a esta instituição. De qualquer modo a origem, a capacidade de ler, escrever e fazer contas, bem como, o número de alunos por salas aponta para uma diversidade de características humanas presente na instituição escolar.

É indispensável registrar que a compreensão das características citadas na análise da diversidade cultural escolar não descarta o debate que contempla os chamados “currículos multi-culturais” e o combate às desigualdades raciais (GOMES, 2004, p. 23). Ao contrário, é indispensável adotar políticas que possibilite o acesso daqueles que historicamente não tiveram acesso a instituição escolar. Inegavelmente toda e qualquer medida social que possibilite o acesso a escola deve ser encarada como um direito do cidadão. Mas, é oportuno que a defesa dos direitos de grupos sociais mantenha o foco na totalidade e conseqüentemente, “superar os limites puramente locais de sua existência e situar sua realização individual num universo mais amplo, o do desenvolvimento de todo o gênero humano” (DUARTE, 2004, p. 232).

3 Algumas palavras de natureza conclusiva

Nos dois itens anteriores apresentamos uma análise da diversidade cultural em uma sociedade capitalista. Agora aproveitamos a oportunidade para destacar que a formação humana é um processo que transcorre ao longo da vida do ser humano.

Portanto, o homem faz-se de modo dialético – ao construir o mundo e a história, e ao ser por eles construído – no embate com a natureza para a obtenção e construção dos meios de subsistência; é na ação sobre a natureza que o homem processa a objetivação de sua subjetividade nos objetos que cria – constrói ao mesmo tempo em que promove a subjetivação do mundo objetivo, imprimindo-lhe a marca do humano, quer dizer, humanizando-o. (PEIXOTO, 2003, p. 42).

No embate com a natureza para a obtenção e construção dos meios de subsistência ocorre a humanização que poderá resultar em algum marcos, que especificarão determinados grupos sociais. Quer dizer, em determinada sociedade pode existir vários grupos, caracterizando a diversidade cultural. No caso específico da sociedade capitalista, a ‘manutenção da ordem’, é marcada pela ‘liberdade de expressão’ que conta com o apoio da indústria cultural. Assim, todos podem fazer o que considerarem mais convenientes, desde que, não perturbem a ‘ordem social’. Mas, por outro lado, o ser humano ao passo que promove a subjetivação do mundo objetivo pode negar as imposições desta sociedade permissiva. “É preciso enfatizar que a veiculação sistemática, nos vários veículos da indústria cultural, de informações de grupos de comando da sociedade, é claro, influência nos hábitos, opiniões e consumo” (COSTA, 1994, p.196).

O *Flash Mob No Pants*, movimento que ocorreu em grandes metrópoles no último mês de abril exemplifica o marco da diversidade capitalista, onde os internautas entraram no metrô e retiram a “roupa de baixo”. Trata-se de uma manifestação marcada pela diversidade cultural, onde gregos e troianos se encontram com a única finalidade de fazer aquilo que foi previamente combinado em rede. Com outras palavras, é um retrato do sistema capitalista onde os jovens se reúnem, não para fazer qualquer protesto fundamentado em uma ideologia. Mas, para ser diferente ou simplesmente fazer aquilo que maioria não faz. Desta forma, o monopólio da informação cria uma diversidade cultural marcado pela forma como as pessoas “interagem com o ambiente”.

“Mas, apesar do monopólio da informação, não se pode argumentar que a comunicação de “mas-sa” seja absoluta ao ponto de excluir do ser humano sua identidade, formação própria, liberdade de contestação e de luta, sua esperança utópica de imaginar os mass media em favor da razão emancipatória” (COSTA, 1994, p. 196).

Debruçamos-nos a uma caracterização da própria sociedade como condição fundamental para entender a própria escola. Definimos a escola como espaço da diversidade cultural, porém, entendemos que sua existência em uma sociedade de classes resulta em uma diversidade não apenas de etnia e de gênero. Destacamos primordialmente a determinação deste sistema que atua no cotidiano de cada ser humano, desde a concepção até o momento em que nos tornamos idosos. Quanto a escola como uma instituição que é influenciada pelas condições políticas, econômicas, ideológicas, sociais, familiar, de aprendizagem, estruturais, etc. fundamentamos nossa análise a partir do estabelecimento da sua função. Quanto a educação, convergimos com o professor Dermeval Saviani quando define para o objeto da educação a “[...] identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos” (SAVIANI, 2003, p.13). Este processo de formação humana pode resultar na ação que questiona a própria sociedade. Notamos, assim, que o espaço escolar trata-se de um espaço marcado pela contradição. Ao passo que recebe informações externa, materializa as idéias e pode passar a investir na análise destas com a finalidade de contribuir para a formação de seres humanos que possam atuar na sociedade de forma a torná-la justa. Desta forma a formação do ser humano mantém um vínculo direto com a cidadania, ou seja, a atuação responsável dentro de um dado contexto social, vislumbrando a igualdade de deveres e direito.

Referências

ARCE, A. Pedagogia da infância ou fetichismo da infância? In: DUARTE, N. (Org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

BIAGGIO, R. de. A inclusão de crianças com deficiência cresce e muda a prática das creches e pré-escolas. **Revista Criança** – do professor de educação infantil. Ministério da Educação – Coordenação-Geral de Educação Infantil – DPE/SEB, Brasília-DF, p. 19-26, 2007.

COSTA, B. C. G. da. Indústria Cultural: análise crítica e suas possibilidades de revelar ou ocultar a realidade. In: PUCCI, Bruno (Org.). **Teoria Crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Ed da UFISCAR, 1994. p. 177-197.

DIVERSIDADE CULTURAL. **Wikipédia**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Diversidade_cultural. Acesso em: 29 abr. 2009.

DUARTE, N. **A individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.

DUARTE, N. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

DUARTE, N. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** Quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

DUARTE, N. A rendição pós-moderna à individualidade alienada e a perspectiva marxista da individualidade livre e universal. In: DUARTE, N. (Org.) **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DUARTE, N. Por que é necessária uma análise crítica marxista do construtivismo? In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (Org.) **Marxismo e educação: debates contemporâneos**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

- FERNANDES, G. P.; GOMES, A. C. F. **A Formação do consumismo**. IX Semana de Economia da URCA. Crato, 2008. 1 CD.
- HOBBSBAWN, E. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MACHADO, L. R. de S. **Politecnia, escola unitária e trabalho**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
- MARCONDES, M. I.; TURA, M. de L. Da pesquisa para a prática, da prática para a pesquisa. **Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino: Políticas Educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a Didática e as práticas de ensino**. Recife: ENDIPE, 2006. p. 137-150.
- MORAIS, R. de. **Cultura brasileira e educação**. Campinas, SP: Papyrus, 1989.
- PLEKHANOV. **O papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público: à distância a ser extinta**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- PINHEIRO, F. J. **Mundos em confrontos: povos nativos e europeus na disputa pelo território**. SOUSA, S (Org.). Uma nova história do Ceará. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.
- SANTOS, A. B. S. **Prática pedagógica curricular e afrodescendência**. In: ALBUQUERQUE, L. B. Culturas, Currículos e Identidades. Fortaleza: Ed. da UFC, 2004.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.
- SCALCON, S. **À procura da unidade psicopedagógica: articulando a psicologia histórico-cultural com a pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.
- TAVERES, J. **O feio e o belo em evidência**. Revista Ciência & Vida: Filosofia, Ano I, n.. 08. p. 16-23, 2007.
- TURA, M. de L. R.; MARCONDES, M. I. Heterogeneidade, ciclos e a prática pedagógica. **Revista de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 89, n. 222, p.242-258, maio/ago. 2008.